

Fontes documentais para uma história natural das baleias em Portugal

Teresa Lacerda, Nina Vieira, Cristina Brito

CHAM – Centre for the Humanities, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, 1069-061 Lisboa, Portugal. teresaplacerda@gmail.com; ninavieira@fcs.unl.pt; cbrito@fcs.unl.pt

Resumo:

As fontes da época moderna para uma história natural das baleias em Portugal surgem agora como muito ricas pela variedade de formas que assumem - notícias, memórias, poemas e estudos com referências à ictiologia. Estes grandes cetáceos, quando arrojavam na costa portuguesa ou entravam acidentalmente no rio Tejo (Lisboa), suscitavam a curiosidade do povo, nobres e eruditos. As baleias e os recursos que destas se extraíam eram importantes para a alimentação, a iluminação e as boticas. Contudo, estes grandes e fascinantes animais também enriqueciam o espírito, sendo mote de poemas, quase sempre usados como metáfora para tratar de assuntos morais, mas também relatando as verdadeiras procissões de gente que ia observar as baleias. Pelo menos a partir do século XVIII, as suas características passaram a ser descritas minuciosamente, apontando-se as suas medidas e cores. Algumas fontes escritas eram acompanhadas de ilustrações as quais corriam a Europa adaptadas a contextos locais e traduzidas para outras línguas vernaculares a partir do português. Mas em Lisboa as baleias ganharam uma existência cultural para lá da sua vida biológica. Um destes animais foi embalsamado e armado para ser admirado pelo rei. Um grande quadro a óleo, agora perdido, estava exposto no Arsenal, em Lisboa. Assim, as fontes escritas e a iconografia revelam que a memória das baleias se expressava também em suportes visuais quer para satisfazer a curiosidade comum, quer a científica.

Este documento compila um conjunto de fontes manuscritas e impressas, algumas das quais até à data desconhecidas, que incluem informação sobre baleias e outros cetáceos que ocorreram na história de Portugal. Para cada fonte damos a sua referência completa, incluindo localização em arquivo, uma breve contextualização sobre a obra e o autor, a transliteração de partes selecionadas e um resumo de enquadramento e interpretação dessas mesmas partes. No entanto, outras fontes poderão ser relevantes para esta temática e o que aqui apresentamos não esgota, certamente, a investigação sobre a história natural e a história ambiental dos mamíferos marinhos em Portugal.

Palavras-Chave: Cetáceos; Arrojamentos; Conhecimento; Europa da Época Moderna

Documentary sources for the natural history of whales in Portugal

Teresa Lacerda, Nina Vieira, Cristina Brito

CHAM – Centre for the Humanities, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, 1069-061 Lisboa, Portugal. teresaplacerda@gmail.com; ninavieira@fcs.unl.pt; cbrito@fcs.unl.pt

Abstract:

Early modern sources for the natural history of whales in Portugal are now emerging as very rich by the variety of forms they take - news, memoirs, poems and studies with references to ichthyology. These large cetaceans, when they stranded on the Portuguese coast or accidentally entered the Tagus River (Lisbon), aroused the curiosity of the people, nobles and scholars. The whales and the resources that were extracted from them were important for food, lighting and apothecaries. However, these large and fascinating marine animals also enriched the spirit, being the subject of poems, almost always used as a metaphor to deal with moral issues, but also relating the real processions of people who went to watch the whales. At least from the 18th century onwards, their features started to be described in detail, scholars pointing out their measurements and colours. Some written sources were accompanied by illustrations that were later disseminated throughout Europe and adapted to local contexts and translated into other vernacular languages from Portuguese. But in Lisbon whales gained a cultural existence beyond their biological life. One of these animals was embalmed and framed to be admired by the king. A large oil painting, now lost, was on display at the Arsenal in Lisbon. Thus, written sources and iconography reveal that the memory of whales was also expressed in visual supports both to satisfy common and scientific curiosity.

This document compiles a set of handwritten and printed sources, some of which were unknown until now, and they include information on whales and other cetaceans that occurred in the history of Portugal. For each source we give its complete reference, including archival location, a brief contextualization of the work and the author, the transliteration of selected parts and a summary of the interpretation of those parts. However, other sources may be relevant to this theme and what we present here is certainly not exhaustive of the research on the natural and environmental history of marine mammals in Portugal.

Keywords: Cetaceans; Strandings; Knowledge; Early Modern Europe.

Domingos Franco Quaresma, *Piscilegio Lusitano. Nova, Exacta, Natural, e Medicinal Noticia dos nomes, e qualidades dos Peixes, que se pescam nos mares, e rios da Costa de Portugal [etc]... e hua summaria narraçãõ da Origem, e uzo medicinal dos banhos das Caldas da Rainha com obbervações das suas virtudes desde o seu principio ate o prezente. [etc], s/d/, s/l [Peniche ou Lisboa; c. 1750], manuscrito.*

Sobre a obra e o autor:

Trata-se de um manuscrito com apenas uma cópia conhecida. A obra foi composta na primeira metade do século XVIII. Em 1759, Diogo Barbosa Machado escreveu que “andava nas licenças para imprimir”¹, desconhecendo-se o motivo pelo qual nunca conheceu a forma impressa. Descreve uma grande variedade de peixes, recorrendo aos conhecimentos eruditos dos autores clássicos e renascentistas, mas também à experiência dos “homens marítimos”. A classificação biológica dos peixes é anterior à de Carl Linnaeus.

O autor do manuscrito é Domingos Franco Quaresma, natural da vila de Peniche, médico do partido do Rei, da praça de Peniche e do seu hospital real. O pai de Domingos, Francisco Franco Quaresma era um bacharel formado pela Universidade de Coimbra, também natural de Peniche, o que significa que os Quaresmas eram membros da pequena nobreza instruída².

Notícia Primeira, Cap. 1, §15

Da grandeza monstuoza dos Peixes

Nem se pode duvidar, que os peyxes não só em numero, como tambem na mayoria, e formosura [41] do corpo excedem aos animais terrestres: assim o diz Plinio, e expressamente o confessa Aristoteles *Hine esiam fit, ut multi formiora sint quo in lumore gignumtur quàm qud in terra, humor enim naturam haber ad effigendum, efformandum que habiliorem quàn terra*³. A grandeza dos peyxes confirma a sagrada Escripura nas palavras *Cete grandia*, que o Hebreo chama *Aranimim*, que significa Dragões marinos monstruosos de varias especies, e não de huma só de Balea, sendo que parece bastava esta, para que nenhum animal terrestre disputasse mayorias. Concorre para a grandeza dos peyxes haver-lhes Deos lançado a sua benção, que crescessem e multiplicassem, a qual não lançou aos animais terrestres, talvez porque sabia a brevidade, com que havia de amaldiçoar a Serpente. Sem que obste dizer-se que os peyxes são produzidos da agua porque isto se não deve entender, senão que como mixtos perfeitos, que são, devem

¹ Diogo Barbosa Machado, 1759. *Bibliotheca Lusitana historica, critica, e cronológica*, t. IV. Lisboa: Oficina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 109.

² Francisco Franco Quaresma habilitou-se ao cargo de familiar do Santo Ofício. Cf. IAN/TT, Tribunal do Santo Ofício, Conselho Geral, Habilitações, Francisco, mc. 16, doc. 475.

³ Daí acontece que muitos são mais belos na luz em que são produzidos do que na terra.

constar dos quatro elementos, e que a agua tem só o predomínio nelles, por ser centro, e natural lugar de sua geração, habitação, e conservação.

Resumo:

Segundo Domingos Franco Quaresma, os peixes excedem os animais terrestres tanto em número, como em formosura. O autor sustenta esta opinião em Plínio, em Aristóteles e na Bíblia. De entre os peixes, destaca a baleia, tendo escrito: “sendo que parece bastava esta, para que nenhum animal terrestre disputasse maiorias”.

Notícia Primeira, Cap. 1, § 17

Da estranha e mostruosa figura de um peixe que sahio na praia desta Peninsula e da de outros mays

Deyxando a grandeza da Balea por muy [43] notoria, passemos a referir a de outros peyxes monstruosos, de que aqui tivemos verdadeira noticia. No anno de 1575 a 22 de Abril sahio a esta praya de Peninsulla [de Peniche] já morto hum peyxe de tão estupenda grandeza, e figura que não houve quem o podesse conhecer: tinha de comprido quarenta côvados, e de grossura tal, que dous homens da mayor estatura se não vião de huma parte a outra: o pescoço de comprimento de cinco covados, e de profundo quinze palmos: o rasgado de cada olho hum covado; a cabeça levantada quatro covados ao alto, e não tinha nella a bocca, como os mays peyxes senão na barriga, cada hum de queyxos tinha de comprido outo covados com dezasseis dentes por banda, e cada de dente meyo covado em redondo, e entre hum, e outro mediava hum palmo: o couro pello lombo era negro, e pella barriga branco. Nesta mesma forma o descreve o Padre Frei Luís de Granada⁴ no seu livro da introdução do symbolo da Fé, a onde traz pintado a figura do mesmo peyxe, que diz se mandou a El-Rei D. Henrique. Bem notorio foy o naufragio de outro, que em 10 de Janeiro de 1723 deu na Pontão do lugar de Cacilhas, de frente das cidades de Lisboa, que o appellidavão sombreyro [44] a que certo curioso fez o seguinte romance, em que dá Relação da sua monstruosidade.

Huma Musa Regateyra
quero hoje por Thalia⁵
para no assumpto do peyxe
não se pecha a Musa minha.
Venha pella posta, e seja
alguma a azeviespinha
Dessas, que lá na Ribeyra

⁴ Nasceu em Granada, em 1504, e morreu em Portugal, em 31/12/1588. Foi um religioso dominicano. Foi mestre de filosofia, teologia moral e de outras disciplinas eclesiásticas, sendo autor de várias obras. Foi confessor do rei D. João III, da rainha D. Catarina e do cardeal D. Henrique.

⁵ Era uma das nove musas da mitologia grega, filhas de Zeus de Mnemósine. Tália era a musa da comédia.

tem Parnaso⁶ e Cabalina⁷
Influa-me estylo tal
veya me obra tão benigna
que fique boa a memoria,
visto que a tenho infirma
Digo que me abra a veyá,
pois tais Musas são peritas
em pincar, e fazer sangue
com as Lançotas das linguas.
Carregação de conceytos
me traga logo de espicha
e de-me voz que aprego e
não sem sal, mas vox activa.
De-me equivocos meudos
paranomazias novinhas,
que as vezes a troco disto
bem se vende a Poezia.
Boa venda me depare
e de-me tal freguezia [45]
que em lançando hum so pregão
seja muy bem recebida.
Vamos nas horas de Apollo
que me livre da cazinha,
e de algum mal sim Poeta
que me condemne, e persiga.
Erão do mez de Janeyro
(se bem me lembro) dez dias
que sobre mil settecentos
vinte, e trez anos ja tinha.
Muy tremulo, ou por cançado,
ou por velho se via,
mas bom que cançado, e velho
sem ja mais parar corria.

⁶ Monte da antiga Grécia, na Fócida, consagrado a Apolo e às Musas.

⁷ Relativo à fonte de Hipocrene, que brotou com um golpe da pata de Pégaso.

Quando correndo tambem
o vulgo contando vinha
que hum Peyxe danado estava
nas ondas junto a Cassilhas.
Não dey por então assenso,
e alguns comigo dizião
que não seria grão choupa
se em tal choupana cabia.
Logo na tarde seguinte
(tambem pella manhãzinha)
como a cousa andava em quente
por ve-la a gente fervia.
Houve tal que so por ve-la
seu dinheyro despendia [46]
outros forão em muletas,
pois por seos pés não podião.
Em fim o mar empolado,
pois tão boa praya tinha,
dizem que so por mostrada
levou muita senhoria.
Dali à Ribeyra veyo
o tal peyxe em Remaria
e era com elle o mar cheyo
bem que era maré vazia.
Teve azafema muy grande
da plebe, que concorria
e então nos talhos açougue
a Ribeyra parecia.
A gente de toda a sorte
fez então sua sortida,
e alguns forão ver a pesca,
e nem virão boya, [rasurado] ou pisca.
Estava atado com cordas,
e o mar tambem o prendia
lançando-lhe huma corrente,

porque elle ja refugira.
Depois que se vio criado
depois que grande se vira
hum mar todo (quando nada)
escumava, e engolia.
Sem atender que tambem
[como he cousa bem sabida] [47]
não está sempre nhum ser
o mar, e tem suas iras.
Que poderia afogado,
e elle alguns Roncos ouvia,
porque sempre atraveçada
teve o mar esta espinha.
Huma vez hum pescoção
tão forte lhe deu, que ainda
depois de morto lhe dura,
como lhe durou em vida.
Tambem chegou açouta-lo,
e com mais furia seria
se lhe não pedisse a madre
de que o mar nunca sahira.
Até que embravecido
dos termos, em que o via
lhe deu com hum rabo de arraya
sardinhetas infinitas.
Quiz lhe fugir, mas o mar
alterado em demazia
sentio isto, pois por filho
pelas veyas lhe corria.
Buscão, e bem que turbado
com voz branda, e compassiva
por dezafogar com elle
lavado em agoa dizia.
He possivel filho meu
que faças tanta avaria,

que se não pejes de mim,
e me tragas na barriga [48]

Crieyte de pequenino
passey por ti mil fadigas,
por ti bebo agora os ventos
e tu hoje em mim ourinas.
Andas comendo os pequenos
com tão grande tyrannia,
que no ventre da Baleya
te não escapa Enguia.

Não ha Cação, que não caces,
nem contigo ha Bogavira,
se não que a boga arrencada
remaras por consumilla.

Não ha pescada do alto,
que a ser pescada resista,
pois pegas debayxo dagua
pondo o ponto, estando á mira.

Pois isto de andar em bulhas
com outros he tua vida,
puchando pellas espadas
mais pechozo, do que chinha.

Aos barbados camarões
fizestes fogoso em isca
cuydas fazes prego d'ouro,
e tão nenhum peyxe pilhas.
Es mais barbaro, que Barbo
no muito, que desperdiças,
deixando ir pella agua abayxo
douradas bellas, e Ricas [49]

Outro Gallo te cantara
mias que de pullo subiras,
e estar, como o peyxe na gua,
he o menos que terias.

Tambem a sua má bocca

não pode ser mais malditta,
ja abocanhando a Sarda,
e já mordendo a Tainha.
Pois olha que pella bocca
morre o peyxe, e ja ha dias
que hum Tuberão te tragara,
se a Remora o não detinha.
Guarte dos Cabras, do Cherne,
que te puzerão espias
lá junto ao cabo da Rocca,
de que tu muito te fias.
Aquelles Ruyvos tambem,
com que andas de companhia
temo te percão, pois são
de Chocos muita má tinta.
Ah filho, o meu cabedal,
e a minha caza tão rica
receyo lhe dey vazão,
por seres Ruim vazilha.
Pois olha que por yeu bem
passey eu ja mil fadigas,
e te trouxe no meu seyo,
em que boa mamma tinhas. [50]
Muy bem te quis ja cazar
tu na nora mal dizias,
e não so de alcatrussada
mas de besta a arguias.
Em fim tu tudo desprezas,
ou pezas pouco estas dittas,
e certo que peyxe Rey
com gram riqueza serias.
Cuydas que não monta munto
terey nhuma estrebaria
mais Cavallos, do que Focas
Sendo Emperador, teria.

Pois lá pella terra dentro
já sabes que tenho minas,
e que tenho algumas barras,
em que descançar podias.
Das partes do mundo todas
me vem frotas inteyrinhas,
e até os meos cachopos
me dão de nãos mil partidas.
Tambem te dey alguns Anjos
para tua companhia,
e tantos santatoninhos
quantos não reza a folhinha.
Ah filho, como te enganas,
porque não falta quem diga
que se eu te lançava à margem [51]
não faltava quem te fujia.
Tu pagarás o que agoras
cuydas que são zombarias,
eu como agoa fallo claro,
tu bem me entendes a lingua.
Porem neste tempo o peyxe
[palavras não erão ditas]
por ir comer foy marchando
quando hum tamboril tangia.
Deixou o mar, porém elle
porque muito lhe queria
com hum braço o deteve
posto que com gota o tinha.
Reynava então hum vento
mayor que os que Camões pinta,
porque somente nhum pé
mil ventagens lhe fazia.
E este do braço do Pay
apartallo pertendia,
mas o Pay lhe deu as costas,

que foi a sua Ruina.
Vendo-se elle desprezado
tratou de buscar sahida,
e bem que lhe tinha ponta
lhe deu entrada Cassilhas.
Aqui dizem que enjoara
do doce, que aqui comia,
porque o Tejo do Oceano,
por doce, hé confeytaria. [52]
Quis fazer aguada em terra,
mas debalde, pois de sima
não de agua, mas de pedras
muita pancada chovia.
Teve vomitos então
secos, porque não bebia,
que para hum dedo de sede
nem hum anel de agua tinha.
Nada vomitou, pois fora
o Tejo estryeta bacia
e chamando cirurgião
veyo alli pella bolina.
Tambem Medico chamarão
que esgotou a Medicina
porque se enviou com elle,
que era o celebre Corvina.
Receytou-lhe sanguisugas
hum lavatorio lhe applica
mas neste tempo expirou
suando agua em bicas.
Huns dizem morreo de pedra,
outros que de hydropezia⁸,
eu mais me inclino, que foy
por se lha acabar a vida.
Emfim tinha de morrer,

⁸ Hidropisia – acumulação de serosidade no tecido celular ou numa cavidade do corpo.

e ja cheyas as medidas,
porque senão de remedio
lhe serviria agua fria. [53]
O Pay quis logo enterrallo,
mas a gente o impedia,
bem que ja estava hum carneyro
talhado à sua medida.
Fizerão-lhe grande enterro,
gattos pingados havia,
e alli ao lume da agua
imensas vellas se vião.
Puzerão-no na Ribeyra,
e esteve exposto tres dias,
lançando de si tal cheyro,
que de longe se sentia.
Aqui todos que chegarão
trouxeram suas medidas
e benzia-se com ellas
aquelle que mais fé tinha.
De outenta e seus palmos era
o corpo da criancinha
bem medido; porque mal
de outenta e seis mil se via.
Tinha treze de largura,
sendo que ainda crescia,
da bocca não digo os palmos,
porque me não chega a lingua.
O nome não se lhe sabe
bem que por ser cousa pia
que elle fora baptizado
logo em nacendo, eu creria. [54]
Alguns dizem ser Sombreyro,
porém isto he mentira,
porque quem falla verdade
nem por sombras tal dizia.

Só a cabeça era tal,
que o mor sombreyro excedia,
e às abas de Lisboa
nunca tal cousa foy vista.
Emfim chamem-lhe sombreyro,
que não teremos profias,
mas chamem-lho só aquelles,
a quem elle assombraria.
Bogio como huma Torre
tempo há que no mar havia,
porém tal torre de peyxe
ao Signo do Ceo convinha.
Fizerão-lhe hum Epitaphio
na areya escripto, e dizia
[se bem me lembro] esta copla
com letras de limo escritas.
Aqui cobre a terra hum peyxe
que o mar cobrio alguns dias,
pede que lhe botem Sal
em lugar de agua bem dita. [55]

E quando escreviamos estas noticias, chegou outra, de que no porto de Villa de Vianna apparecera ja morto hum monstro marino, que ninguém conheceu, de tal grandeza, que de comprido tinha sesseta palmos e de alto dezasseis e no queyxo debayxo, onde só tinha dentes, lhe contarão vinte, e quatro com grande distancia huns dos outros; e porque se temeu da sua corrupção, e mau halito alguma epidemia fez reduzir a cinzas, para o que forão necessarias settenta carradas de Lenha. De outros iremos dando conta no processo destas noticias.

Resumo:

A 22 de Abril de 1575, em Peniche, apareceu na praia um “peixe monstruoso” que “não houve quem pudesse conhecer”. Esta notícia foi anotada por Frei Luís de Granada na sua obra *Introdução ao Symbolo da Fé* e um desenho do monstro foi enviado ao rei D. Henrique.

A 10 de Janeiro de 1723, naufragou no pontão de Cacilhas um outro “monstro marinho”, já morto, que foi apelidado de “sombreiro”. Tal acontecimento inspirou um poeta, que escreveu simultaneamente um poema notícia e um poema fábula.

Na ordem do real, o poeta retratou o interesse da população de Lisboa e de Almada pelo arrojamento, tendo escrito: “por vê-la a gente fervia”. Apinhavam-se para observar a sua grandeza e estranheza, assim como para testemunhar o esforço humano para o seu resgate das águas do Tejo.

Usando a fábula como abordagem ao mundo dos homens, o poeta usava a fauna marinha para comentar, nomeadamente, a desigualdade entre fortes e fracos. “Andas comendo os pequenos/ com grande tirania/ que no ventre da baleia/ te não escapa enguia”.

Não se sabe se fruto de observação directa ou se fruto do exercício da imaginação, o poeta descreveu a agonia do animal, depois de encalhar em Cacilhas. As rochas maltrataram o seu corpo e a “água doce” do “Tejo Oceano” provocou-lhe vômitos. Físicos e médicos foram chamados para aliviar o bicho, mas nada mais havia a fazer.

O autor do poema, para lá de conhecimentos sobre fauna marinha, também estava à vontade nas temáticas da medicina da época. Curiosamente, os hipotéticos tratamentos aplicados ao monstro marinho eram os mesmos utilizados nos humanos. Entre as possíveis causas da morte do animal, o autor apontou a hidropisia.

Depois de resgatado do Tejo, o monstro foi levado para a Ribeira das Naus onde esteve exposto durante três dias, alimentando a curiosidade dos lisboetas, que aguentaram o mau cheiro, “que de longe se sentia”.

Enquanto Domingos Franco Quaresma escrevia o seu *Piscilegio*, chegou-lhe a notícia que no porto de Viana do Castelo apareceu um monstro marinho já morto que também não foi identificado com nenhuma espécie. Já se encontrava em estado de putrefacção, razão pela qual foi queimado, para se evitar uma epidemia.

Estas notícias sobre o arrojamento de monstros marinhos testemunham o impacto que estes acontecimentos causavam nas populações, suscitando o interesse dos vários grupos sociais, dos mais humildes, aos mais letrados e mesmo à aristocracia. Como se viu o desenho de um destes animais chegou aos olhos do rei D. Henrique. Depois de retirado do mar, os “peixes monstruosos” eram expostos na Ribeira da Naus, espaço amplo e arejado onde se podia estender o seu corpo. Passados alguns dias, quando o animal já evidenciava sinais de apodrecimento, o seu cadáver seria queimado.

Notícia Primeira, Cap. 2, §1

Da sua rara industria para a conservação, especifica e individual

Temos fallado da divinal criação, grandeza, fertilidades, e variedade dos peyxes, assenta em boa coherencia, que digamos alguma cousa tambem do seu notavel, e natural instincto para a sua conservação especifica, e individual. Pella conservação dos filhos tem tal providencia a Balea, que quando ha tempestades, ou se lhe avizinha algum peyx grande, que lhos possa tragar, os guarda dentro da sua mesma bocca, e passado o perigo, os torna a lançar fora, como miraculosa, e sobrenaturalmente fez a de Jonas.

Resumo:

Refere o instinto que a baleia tem em proteger as suas crias. Em caso de tempestade ou na proximidade de algum possível predador, a baleia engole as suas crias para as proteger, lançando-as novamente ao mar, assim que passa o perigo. Domingos Franco Quaresma compara este processo com a história bíblica de Jonas.

Notícia Primeira, Cap.º 3 Do Ambar, §1

Dos motivos que temos para tratar aqui do Ambar, e quantos minerais derão os Antigos este nome.

Por duas razões forcozissimas vem aqui a proposito dizermos alguma couza do verdadeyro Ambar. Primeyra, porque elle tambem he medicinal, e como tal pertencente ao nosso instituto. Segunda, porque como temos fallado da Balea, e de outros monstros marinos, cujo excreto querem alguns authores, que o Ambar seja, he conveniente reparar em erro tão notavel.

Resumo:

Domingos Franco Quaresma corrige o saber de alguns antigos, esclarecendo que o âmbar não era excremento de baleia.

Notícia Primeira, Cap.º 3 Do Ambar, § 3

Averigua-se que não he Esperma de Balea

Ja podemos ir concluindo que o Ambar não he Sperma de Balea, o que entre nós se verifica facilmente; porque na Bahia de Todos os Santos Emperio da Conquista Luzitana no Brazil, aonde o contrato da pescaria das Baleas se arremata em cada anno por muitos mil cruzados, não ha noticia, que se ache dentro dellas Ambar algum; e o que acerca disto diz Monardes⁹ he o seguinte. *Com isto se confundem as opiniões barbaras, que dizem que o Ambar he semente de Balea, e a causa, de que procedeu esta ignorancia, foy de se ter achado em algumas, e em outros peyxes semelhantes, que somo sobe o Ambar por sua leveza acima da agua, o devorão os peyxes, e lho achão algumas vezes nos buchos, e se fosse semente, em partes [91] certas do corpo estaria, como he natural em todos os animais. No mesmo tempo (continua elle) se tomou huma Balea na costa de huma das ilhas de Canarias, que tinha no bucho mais de quatro arrobas de Ambar, e de então ate gora se tem morto muitas e nenhuma se lhes achou. Os que vivem na Florida*

⁹ Nicolás Monardes (1493-1588) – Médico e botânico espanhol. Realizou uma completa descrição de plantas americanas que chegavam ao porto de Sevilha, onde nasceu e morreu. Para além das plantas também tratou de produtos minerais como o âmbar. Monardes e Garcia d’Horta foram desde cedo comparados, uma vez que se dedicaram ao conhecimento de plantas nos trópicos. Ver, por exemplo, C. R. Boxer, 1963. *Two pioneers of tropical medicine Garcia d’Horta and Nicolás Monardes*. London: The Hispanic and Luso Braziliam Councils.

dizem o mesmo, que matão muitas daquella costa, e que outra nenhuma cousa lhes achão nos ventres, senão outros peyxes. Alguns authores dizem que se tem visto algumas vezes nas prayas o Ambar com signais de ter sido picado das aves, mas não se faz crível que isto succeda pella razão que o Wechero dá, de que he por fazerem delle, ou nelle os seusinhos, senão porque achando-o no mar, ou nas prayas o intentão comer, e se enjoão com o seu nimio cheyro, como succede às Baleas, das quais dizem, que depois de o devorarem, o tornão a lançar, pella nimia quantidade delle, que comem, ou pella intensão, e força do cheyro, que as nauzéa, o que se confirma com a o mesmo Monardes, que conta a historia seguinte. *Huma cousa tem o ambar, que causa admiração, e o refere Simcão Secto author grego, que se alguem o chey [72] rar antes que beba vinho, o faz ficar como ebrio, e se lho lançarem no vinho, o ficavão verdadeyramente, desta sorte que muito pouco vinho, em que se misturar algum ambar embriagará notavelmente; o que vi por experiencia em caza de hum Senhor grande destes Reynos, aonde por delicia, e regalo havia saleyro de âmbar, assim como de sal, para aromatizar os manjares, e a hum chocarreyro lho lançarão no vinho, com que ficou arrematado.*

Resumo:

Domingos Franco Quaresma concluiu na sua obra que o âmbar não era esperma de baleia, o que se verificava facilmente, porque na Baía, onde a pesca da baleia estava organizada num contrato, que rendia muitos cruzados, não havia notícia de se encontrar âmbar dentro destes animais. Para sustentar a sua afirmação, Quaresma recorreu, para lá da experiência, à opinião do médico e botânico espanhol Nicolás Monardes (c.1493-1588). Segundo este, a causa que originou a confusão deve-se ao facto do âmbar ser leve e flutuar e os peixes o devorarem. Contudo, seriam poucas as baleias que conseguiam suster por muito tempo o âmbar no seu bucho, uma vez que o cheiro do âmbar as nauseava.

Notícia Primeira, Cap.º 3 Do Ambar, § 4

Nem goma de arvores, senão betume

Continua Monardes: Só este Simcão Grego, e Aetio tenho achado que falem delle Henepocio tratado por Arabes com tanta ignorancia, e confusão, como verá quem por elles quizer averiguar que cousa seja ambar, o qual he certamente genero de bitume, que sahe, emana de fontes, e do fundo do mar, e sahindo ao [rasurado] em licor, como he grosso se condensa, e faz o ambar, que vemos; como outras muitas cousas, que estando no interior do mar são brandas, e tiradas [74] ao ar, endorecem, como o coral, e o ambar, de que que fazem contas, que he bitume, que sahe de fonte, que ha *no mar germanico*. E mais adiante prosegue: *alguns dizem que o ambar se faz de certo fructo, que ha junto do mar, aonde ha Baleas, e que nos mezes de Abril, e Mayo, quando está sazonado, e cheyroso, o comem delle se gera o âmbar.*

Resumo:

Alguns autores afirmavam que o âmbar era um fruto que existia no mar, onde havia baleias. Nos meses de Abril e Maio já se encontrava maduro e cheiroso, razão pela qual as baleias o comiam, gerando-se, desta forma, o âmbar.

Notícia Primeira, Cap.º 3 Do Ambar, § 5

No que fica dito nos §§ antecedentes consta evidentemente ser mais verisimel a opinião, que seguimos, de que o Ambar he bitume marino; contra a qual pugna o forte argumento fundado na experiencia, que novissimamente relata o Doutor Jacob de Castro Sarmiento¹⁰ no livro que deu à luz em Londres no anno de 1735¹¹, por informação, que o nobre Paulo Dudley houve de Mons. [no fim da página: passa a outra folha 35] [78] Atkins e manifestou na Real Sociedade Londrinense, em que transcreve que o Ambar he gerado em bolças na região genital das Baleas machas chamadas Sperma Ceti, e não nas femeas; confirmando-a com o depoimento dos pescadores das mesmas Baleas na Nova Inglaterra, e com as mais circunstancias, que os curiozos poder ver no referido livro.

Ao que respondemos que não duvidamos da verdade desta experiencia, mas sim de que aquellas bolças ou globulos cheios de ambar tenha este o seu nascimento; fundando-nos não so nas rezões, com que fica respondido pelos patronos da nossa opinião aos que seguem a contraria, e que o ambar he verdadeiro esperma de Balea, senão por outras a nosso parecer indubitaveis; porque achando-se ambar nas costas e prayas de todas as quatro partes do Mundo como he bem notorio, nem em todos os seus mares se pescão nem crião Baleas; e nos em que ellas vivem, e crião, e ha abundante pescaria dellas, como no Brazil e outras partes, não he certo achar-se-lhes sempre ambar nas suas visceras; nem se pode dizer, que isto sucede pela rezão de serem todas femeas, porque entre estas he preciso que haja [81] tão bem machos para a sua creação. Nem duvidamos de que so os machos o devore, e em muita quantidade porque como o Ambar pela sua qualidade nimiamente aromatica e espirituosa conduz muito para a fecundidade, e geração, estes animais por natural instinto [à margem: o apetece] para podermos castigar as Baleas, o tragão copiozamente; e ate a circunstancia de que la na Nova Inglaterra senão acha ambar nos Baleatos, senão so nas velhas e machas, fas muito ao nosso discurso; porque como os piquenos não tem ainda capacidade para gerarem, elles falta o natural incitamento para proliferarem, por isso o não devorão; e concorrer tão bem para confirmação do nosso parecer, o achar-se la o ambar nas Baleas em diferentes formas; duro, e molle; com dureza que tem sahido ha mais tempo do lugar do seu nascimento e assim o tragão; e com fluidade quando sahe recente e de pouco tempo: e com estas circunstancias o relatão os primeiros descubridores da sua produção como ja se disse. As referidas rezões e outras que omittimos nos obrigão a acreditar que o Ambar que se acha nas Baleas machas e velhas, ou mais idozas, a que la chamão Sperma Ceti naquelle sitio da Nova Inglaterra não he gerado dentro nellas senão devorado [82] e na mesma forma, em que o encontrão, ou achão nos lugares de seu nascimento molle e recente; [rasurado] fica delles duro; [rasurado] como sucede à Lontra e Aves, que tão bem o comem. Nem deve fazer duvida

¹⁰ *Materia Phisico Historico Mechanica* part. 1 pag. 258.

¹¹ Jacob de Castro Sarmiento (Bragança, 6/5/1690 – Londres, 14/9/1762). Foi um médico português, cristão-novo, pioneiro na introdução em Portugal das teorias de Isaac Newton. Entre outras, escreveu a obra *Materia Medica Phisico-Historico-Mechanica* onde, na primeira parte, tratou dos medicamentos de origem mineral.

o achar-se o ambar nas Baleas em bolças ou tuberculos nas partes proximas às genitais, sendo devorado pela boca ao bucho, porque os intestinos dos peixes tem menos fabrica, e facilmente ha delles transitos e complicações para outras visceras do que não he concetivel em propria sustancia formando-lhe aqueles globulos por modo de sair os glandelozos, como a cada passo se experimenta nos animais terrestres quando comem terra ou couza semelhante de difficil ou impossível conversão.

Resumo:

Os argumentos apresentados nos capítulos anteriores tornavam verosímil a hipótese de que o âmbar era betume marinho. Contra esta opinião encontrava-se o argumento do dr. Jacob de Castro Sarmiento de que o âmbar era gerado nas bolsas na região genital das baleias machas chamadas sperma ceti. Domingos Franco Quaresma contestava esta posição porque o âmbar achava-se em todas as costas do mundo e nem em todos os mares se caçavam baleia.

Notícia Terceira, Cap. 7, §5

He inimigo [o Espadarte] capital da Balea, com a qual tem vistoras e crueis batalhas; dizemos, *vistoras* porque he admiravel o modo com que mutuamente se offendem e defendem: levanta-se a Balea fora da agua com a cauda para o ar, e espancando-o com ella e sahindo sobre o Espadarte com todo o corpo e pezo o procura matar; elle no mesmo tempo intenta feri-la e tirar-lhe a vida às estocadas, buscando-a sempre pelas ilhargas, onde sabe que tem mais brando o couro.

Dissemos tão bem *crueis*, porque não offende hum ao outro por saciar a fome ou appetite como a outros peixes sucede, pois mostra a experiencia de quem as vé brigar, que ate nisto senão gostão mas so por odio innato, com que reciprocamente se dezejão [405] matar; he pendencia, que desta Peninsula com admiração se ve muitas vezes, e sahir da agua o piscozo monte de huma Balea mui direita para logo com maior pezo cahir sobre o Espadarte e tirando-lhe com a cauda cutiladas, ao mesmo tempo que elle saltando tão bem para o ar procura esta querela, e muitas vezes a penetra e fere de sorte que morre esgotada de sangue.

Resumo:

Descrição muito viva de um combate entre um espadarte e uma baleia. Domingos Franco Quaresma terá presenciado estas batalhas nos mares de Peniche.

Da Baleã

Ainda em Castella parece que ha quem diga a antiga e [427] errada tradição, de que este monstrozo peixe tem o ezofago tão estreito, que recolhendo dentro na boca muitos milheiros de sardinhas, so huma pode engolir de cada ves, pois deu motivo aquella credibilidade ao eruditissimo Padre Feijó¹² para a criticar entre outras, e addiciona que o vulgo tempera para sy que aquella natural esquinencia lhe fora dada por Deos hem castigo de haver tragado a Jonas; o que tudo dezacredita com o testemunho de João Fabri famoso academico de Florença, que depoem que pela garganta de huma Balea, que naufragava nas costas de Italia no anno de 1624, bem caberia hum homem a cavallo; não tanto, mas pouco menor affirmão ca os nossos Lusitanos maritimos das que tem visto pescar e naufragar nas costas de Portugal e da America, onde ha copioza pescaria dellas.

Alguns tratão a Balea por peixe cartilagineo fundados na autoridade de Eliano¹³ [à margem: mal interpretada], em que declara que o são todos os que carecem de escamas, o que não passa assim, porque a Morea e o Congro não são escamozos, nem cartilagineos; dizemos – mal interpretada - porque o intento de Eliano não foi dizer que a Balea era rigorosamente cartilaginea, senão que não era escamoza, quando dava a entender que os peixes que têm escamas não são viviparos, como [428] he a Balea e outros que propriamente são cartilagineos; a Balea, e outros peixes monstruosos nem são naturalmente escamozos, nem cartilagineos, porque as suas espinhas ou cartilagens são osseas; como a so des he notorio, os que conhecem barbas e costas de Balea; a sua sustancia he de sabor ferino e da crassissimo alimento, e o nosso Brazil so os pretos se aproveitão della, sendo maior o produto do seu azeite, de que a importancia da carne; e como ca nos nossos mares não ha pescaria de Balea, nem he de qualidade salubre, nada mais dizemos della, nem de outros peixes monstrozos tão bem pelas mesmas rezões.

Resumo:

O padre Benedito Jerónimo Feijó ajudou a propagar a falsa ideia de que a baleia tinha um esófago tão estreito que só podia engolir uma sardinha de cada vez. Tal dificuldade resultava do castigo divino aplicado por a baleia ter engolido Jonas. A teoria do padre Benedito era desacreditada pelo testemunho do académico florentino João Fabri, pois este afirmou que pela garganta de uma baleia, que naufragou na costa de Itália, em 1624, cabia um homem a cavalo. Também em Portugal e no Brasil, os pescadores constatavam o mesmo.

¹² Theatro critico tom 2 discurs. 2 dahi tor. mat. §8. Benedito Jerónimo Feijó (8/10/1676 – 26/9/1764). Foi um ensaísta e filósofo beneditino galego, tido como um dos mais influentes intelectuais de Castela do século XVIII. As suas principais obras foram *Theatro crítico universal* (1726) e *Cartas eruditas*, uma compilação de 1666 ensaios que tratavam dos mais diversos assuntos.

¹³ Claudio Eliano (175-235). Nasceu em Prenete, em Itália. Foi um autor e professor de retórica romano. Apesar de romano, preferia os autores gregos e escrevia em grego. Entre as suas obras conta-se *De Natura Animalium* (Sobre a Natureza dos Animais), onde reuniu histórias sobre a natureza, algumas das quais seleccionadas com o propósito de dar lições morais alegóricas e outras por se tratarem de notícias ou factos curiosos. Nesta obra, Eliano deu especial enfoque à vida marinha. O seu trabalho foi muito utilizado nas obras sobre a natureza e nos bestiários medievais.

Alguns autores classificavam a baleia como animal cartilágneo, baseando esta afirmação na obra de Eliano. Contudo, trata-se de uma má interpretação do autor romano, cujo intento era apenas afirmar que a baleia não era escamosa.

Segundo Domingos Franco Quaresma, a baleia e outros “peixes monstruosos” nem eram escamosos, nem cartilágneos, porque o seu esqueleto é ósseo, como é notório para quem conhece as barbas e as costas da baleia. O sabor da carne deste animal era maligno e no Brasil só os escravos a comiam.

Sobre a obra e o autor:

Frei Luís de Granada (1504-1588). Nasceu em Granada. Foi um dominicano que viveu a maior parte da sua vida em Portugal. Foi confessor do cardeal D. Henrique, do rei D. João III e da rainha D. Catarina. Foi mestre de filosofia, teologia moral e de outras disciplinas eclesíásticas.

“Y pues habemos ya declarado en este capítulo cuán admirable sea Dios en la fábrica destes animalillos tan pequeños, razon será declarar tambien cuándo lo sea en la fábrica de los grandes; para que así se vea cómo en todas sus obras, así grandes como pequeñas es admirable, y se entenda com cuánta razon respondió aquel Angel á quien le preguntaba por su nombre, diciendo: ¿Por qué preguntas por mi nombre, que es admirable? Para esto pudiera traer aqui aquellas dos fieras bestias, cuya grandeza el mismo Criador describe em el capítulo 40 y 41 del Santo Job debajo destes nombres Behemot, y Leviatan. Y asimismo la de las ballenas, que es muy notoria. Mas dejado esto aparte referiré aqui la grandeza extraña de un pece que el año de mil y quinientos y setenta y cinco, á veinte y dos dias de abril, vino á la playa de Peniche, el cual echó la mar en tierra ya muerto. Fué esta una de las cosas grandes que se vieron; porque tenia cuarenta cobdos de largo, y el cuero por el lomo era prieto, y por la barriga blanco, y lo largo de la cola de punta á punta era de cinco cobdos, y de anchura tenia quince palmos. Era tan corpulento, que se una banda á otra apenas se veian dos hombres de grande estatura. Los ojos tenia cada uno un cobdo de largo. Y es de notar, que la cabeza tenia levantada cuatro cobdos em alto, y la boca no la tenia en la cabeza, como los otros peces, sino em la barriga. Los colmillos era cada uno de ocho cobdos. Tenía tambien en la boca diez y seis dientes de cada banda, y cada diente tenia medio cobdo en redondo, y de un diente á outro habia un palmo de anchura. La figura dél quise poner aqui, la cual se trajo al rey Don Enrique, que es en gloria.

En la fábrica deste pece se debe notar al artificio de la divina Providencia, porque la cabeza levantó en alto para que estuviesen los ojos en ella como en una atalaya, para ver los peces de que esta bestia se habia de mantener. Y porque la distancia de la cabeza al agua era grande, proveyó que la boca estuviese en lo bajo, para estar mas cerca, y mas á punto de pescar lo que los ojos dende su atalaya le descubrisen. Tambien he oido que este pece tiene en la barriga un unto, que es muy medicinal y de grande precio.”

Resumo:

Frei Luís foi autor de várias obras, entre estas *Introdução ao Symbolo da Fé*, traduzida para Português, em 1780, onde noticiou que um grande peixe dera à costa em Peniche, a 22 de Abri de 1575. No seu livro descreveu as formas, as medidas e as cores do animal. Um desenho da baleia foi levado à presença do rei D. Henrique.

Frei Luís identificou na morfologia deste animal a intervenção da Providência, pois a cabeça se levantava para o alto, para que tivesse os olhos nesta, “como em una

atalaya”, de modo a ver os peixes de que se alimentava. Uma vez que a a cabeça ficava fora de água, a boca ficava em baixo para conseguir comer. Também era conhecido que na barriga da baleia havia um unguento com propriedades mediciais e de valor muito elevado. A descrição do animal parece referir-se a um cachalote e este unguento que é mencionado pode ser âmbar cinzento.

**Leonhard Thurneysser zum Thurn, *Zur Naturbeschreibung von Portugal* [A
“História Natural de Portugal”, ca. 1555-1556]**

Sobre a obra e o autor:

Em 1555, o alemão Leonhard Thurneysser zum Thurn (1531-1596), natural de Basileia, iniciou, em casa de Damião de Góis, um manuscrito contendo a descrição sobre a fauna e a flora que tinha observado na sua viagem a Portugal. Apesar da obra estar escrita em Alemão antigo, a maior parte dos nomes dos animais e das plantas foram recolhidos oralmente e grafados como um falante de Alemão o faria¹⁴.

Leonhard Thurneysser teve vários ofícios, entre os quais o de ourives e responsável por minas. Apesar de não ter formação académica, dedicava-se à medicina e à alquimia, tendo chegado a médico pessoal do príncipe eleitor de Brandenburgo. Por esta razão, o manuscrito fazia parte da biblioteca privada do príncipe¹⁵.

“Índice e Descrição de vários Animais e especialmente de Animaizinhos Aquáticos que se encontram na Lusitânia, mas que na nossa Terra não se costumam ver.”

Pisces in Portugallia (fol. 124v a 127v):

Vonn dem 64 folio anzufangen, biß fast zum Ende deß erstenn Theils dieses Buchs, wierdt widerumb angestellet ein newr Erzehlunge vnd Beschreibung derer Fisch, so zu Lysabon inn dem Fluß *Tago* gefanngen. Bey den Danntzkeren aber, oder zu Danntzig nicht gefanngen werdenn, vnd zwar inn Ordnung wie das folgennde Register oder *Index* nacheinander gibt:

[Tradução: A partir do fólho 64, até quase ao final da primeira parte deste livro, é novamente feita uma nova narrativa e descrição dos peixes capturados em Lisboa, no rio Tejo. Mas pelos Danntzkers, ou não sendo pego em Danntzig, e de fato em ordem, como o seguinte registro ou índice afirma sucessivamente.]

1 *Balena* fol. 64 fac. 2.

2 *Balena altera Species Balenæ* Stuebfisch fol. 65 fac. 1.

¹⁴ Bernardo Herold, Thomas Horst & Henrique Leitão (2017). “A ‘História Natural de Portugal’ de Leonhard Thurneysser zum Thurn, ca. 1555-1556”, *Ágora. Estudos Clássicos em Debate*, 19.

¹⁵ *Kurfürstliche Bibliothek*.

Sobre a obra:

Trata-se de um documento com quatro folhas, não numeradas, que contém uma esfera armilar sob estrela de seis pontas como marca de água, sendo possível datá-lo do século XVI. O documento encontra-se entre escritos pertencentes aos séculos XVI a XVIII, alguns dos quais oriundos de conventos do termo de Évora, e fazia parte do espólio de Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, director da Biblioteca Pública de Évora entre 1838 e 1855¹⁶.

[escrito a lápis: De um Diccionario de peixes]

“Merlo – merula porque tem a cor negra como merloa

Mugem – latine cresteus mugil

marraxo – latine uitulus marinus

mexilhões – latine Mitul’ ou myaece

mocea – latine murena

Nualheira – latine cancer latipes

Negrão – latine labeo chelo cabrus

Olhiboi – latine melanurus

Ouriços – latine Eehin.^{ce} os quais por serem raros E fermosos se uzauõ nos banquetes.

Ourelha do mar – latine auris marina

Ostras – latine oster/E dado que plinio¹⁷ diga que forão em grande estima nas mensas dos antigos & que excitão o apitito todauia segundo galeno¹⁸ no de *alimentis* são de dificultoza digestão duras estrouão o estamago como todos os mais marisquos.

[fl. 1]

Tremelgua – latine Torpedo

¹⁶ Luís Silveira (1941). *Manuscritos de filologia latina da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora*, Évora: Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, Oficinas gráficas da Minerva Comercia, 37-41.

¹⁷ Plínio (23-79) foi um naturalista romano. Escreveu um tratado de História Natural que constitui uma excelente sùmula sobre o conhecimento sobre zoologia e botânica na Antiguidade.

¹⁸ Cláudio Galeno ou Élio Galeno (c. 129-c. 217) foi um médico e filósofo romano de origem grega. Os seus conhecimentos e as suas teorias dominaram o pensamento ocidental por mais de um milénio.

Tamboril – latine rana pescatux

Tainha – Mugil capito uel che phalos

Vieiras – latine pectines as quais são milhores que todos os marisquos e assim dizia horatio¹⁹ pectinib patulis iactat semolle tarentum & Atênio Dizem que fazem bom estamago & apetito & asim em nossos dias as samoninas são mais prezadas.

Xaroquo – uranoscopos quasi que tem os olhos uoltos ao ceo.

Xoupa – latine salpa

Chouquinhos – podem-se chamar em latim Saepiola.

[fl. 1 v.]

Lagosta – em latim locusta he dado que durion sathenio digão que da lagosta se tirão tres proveitos exercisio das mãos trabalhando em acordo comtemplação do engenho considerando a fabrique e emtabolamento della e mantinto comendo-a todauia não he bom pesquado por que como dis galeno faz tronasão no estamago e desigualdade.

[fl. 2]

Pandelhas – latine pholinus

panpano – latine callictis segundo Bellonio²⁰ stromateus

pescada – Asellus latine

puta – seserinus

pargo – pager latine

peixe rei – carax de athenio

peixe espada – latine sphirena uelcestra

peixe prego – latine galeus aculeatus sugaleus thias

peixe escolas – latine galleus rhodius

peixe boi do brazil – latine vitulus maris oceani

peixe cera – latine pristis / dis/

peixe anio – squatina

passaro – latine pascer grece psetta

¹⁹ Horácio (65 a.C. – 8 a.C.) foi considerado um dos grandes poetas de Roma, dedicou-se à poesia lírica e satírica e ainda à filosofia.

²⁰ Pierre Belon (1517-1564) foi um naturalista francês. Nas traduções e obras latinas é referido como *Petrus Bellonius Cenomanus*. Entre as várias obras que produziu destacuem-se a *Histoire Naturelle des estranges poissons* (1551) e *De aquatilibus* (1553).

poluo – latine polypus he de dificultoza digestão de mao mantimento aproueita pera dores de coração segundo plinio.

pe de burro – em latim vertibula

procenes – latine vingues v. gelãs

[fl. 2 v]

Rodovalho – latine Rhoubus

Ramudo – latine centeina

Reurso – reurso peixé pescader norabo hum anzolo

Robalo – latine lupus

reurso – reurso peixe pescados no rabo hum anzol

Saphiro – Scarus porque escarites em grego quer dizer cor de safira

Salmonete – latine mullus uel trigla de tulio

Salmão – Salmo dizem que a truita crecendo & passando-se ao mar he Salmão

Sargo – latine Sargus

Sarguete – latine melandecinus

Solho – Accipenser

Sauel – latine [rasurado] thrissa se de Certão com contar

Salema - Salpa

Sardinha – collumela lhe xhama Sardinia gal

Sarda – latine sarda trichis

Samoninas – latine pectunculg

Tevita – latine truciles tocrentina porque nada contra a uea d agoa como dis alberto conrado gesnero lhe xhama pyruntas [sic].

toninha – plinio aeste Tursiogrece focena

tuberão - tiburo

[fl. 3]

No fólio 3 v. estão inscritas várias assinaturas e frases sem ligação aparente com a cópia dos fragmentos do dicionário, como tal, não se transcreveu o seu conteúdo.

[fl. 3v.]

Resumo:

O autor anónimo do dicionário cita Plínio para afirmar que os ouriços eram muito apreciados pelos comensais na Antiguidade. Contudo, segundo Galeno eram de difícil digestão e estorvavam o estomago como todo o marisco. A excepção pareciam ser as Vieiras que eram, segundo Horácio, o melhor marisco. Sobre a lagosta, o autor regressou a Galeno para afirmar que não era bom pescado. As qualidades dos peixes eram avaliadas através dos seus efeitos medicinais como, por exemplo, o polvo que, apesar da sua difícil digestão, era segundo Plínio proveitoso para dores no coração. Entre os vários peixes referidos neste extracto do *Dicionário português-latino de animais marinhos*, destaque-se o “peixe-bóí do Brasil” ou manatim, pois esta inclusão demonstra que já existia a necessidade de dar um enquadramento erudito aos animais da Expansão portuguesa.

Apesar de serem esmagadoras as referências aos autores clássicos, o excerto do *Dicionário* refere o naturalista francês Pierre Belon (1517-1564), o que permite afirmar que o documento foi elaborado depois da segunda metade do século XVI. Não se sabe se o conhecimento dos clássicos chegou ao criador do *Dicionário* por via deste autor renascentista ou por contacto directo com a cultura clássica.

Academia de Ciências de Lisboa, (1986) – Catálogo de Manuscritos, Série Vermelha, II (n.º 500-980). Lisboa: Publicações do II Centenário da Academia das Ciências de Lisboa.

Sobre o autor e a obra:

Trata-se das primeiras páginas de um livro manuscrito, que faz parte de um conjunto de 10 tomos, onde se encontram reunidos textos, poemas e anotações que serviram para a elaboração dos sermões de Frei Manuel de Santa Maria d’Avis (ou Assis), religioso da Ordem Terceira de S. Francisco.

Frei Manuel, em 1702, era leitor das vésperas no convento de Nossa Senhora de Jesus, tendo exercido esta função durante mais de 20 anos. Em 1728, era Qualificador do Santo Ofício. Três anos mais tarde, era leitor de prima no Colégio de São Pedro em Coimbra. Em 1730, encontrava-se novamente como leitor jubilado no convento de Nossa Senhora de Jesus. Em 1740, era Comissário dos Terceiros e Definidor da Província da Ordem Terceira de Portugal. É possível que, entre 1702 e 1728, tenha estado no Brasil, mais precisamente na Baía²¹.

“Este Livro he uso do P.M. Fr. Manoel de S^{ta} Maria Leytor de vespera neste conv.^{to} de N. S.^{ra} de Jesus na era de 1723 tem noventa e oito folhas. neste anno appareceu na ribeira de L^{xa} huã balea p^a cuja vista concorreo toda a gente da cidade.

“Decimas a Balea novam acrescentadas

1.

Correndo vai pella posta
hoje todo Portugal
a ver a bixa real
Dona Balea da Costa;
porem como o povo gosta
da novidade hã de crer,
Q^e a hã de tornar a ver
no dia, q^e se partir,
e como conforme ha de ir
pella posta ha de correr.

²¹ Joana Gaspar Freitas & Cristina Brito (2021). A Bixa Baleia. Ou a história de um manuscrito sobre o maravilhoso do mar. In Carlos F. Clamote Carreto e Luís Manuel Moreira Sousa (Eds.). *Imaginários do mar: uma antologia crítica*. Vol. II. IELT, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade NOVA de Lisboa: 203-209. <https://doi.org/10.34619/75ph-bdfe>, 205-206.

2.

De donaire o molherio
foi com mais razão buscalla
pois de quem lhe dera agalla

queria ver o feitio:
vio hu[m] casco de navio
com aquilha pa o ar,
pelo qual indo a puchar
qto/qdo (?) o Provedor encerra
Custou vir hu[m] casco à terra
mais q^e deitar dois ao mar.

3.

A gente q^e por capricho
aballou desta Cidade,
foi huã monstrozidade
inda mayor q^e o bixo:
os rapazes a pê fixo
se atollavão na area,
não he couza q^e se crea
pois por todos os caminhos
querião como golfinhos
manjar na boa Balea.

4.

A certa porta vedada
vi eu chegar valentõis
q^e entravam aos bofetõis,
Sahirão a pancada
Algu[m] q^e era peixe espada
em peixe páo de carreira
se voltou de tal maneira
q^e eu tive por cazo novo
ver q^e se matava o povo
em ir por peixe à ribeira

5.

Barcos de frades se vião
sahindo do seu encerro
Q^e cuidei hião ao enterro

Porq^e algu[n]s à vella hião
ao cadaver assistião
talvez por vontade alhea
pois de hu[m] q^e mais se pentea

Se entendeo sobindo assima

Q^e hia pa sua Prima
buscar barbas de balea.

6.

Da postema¹¹ ou ferim^{to}

Q^e matou ao baleote
entrou logo o Aliote
a tomar conhecim^{to}
do nariz fez instrom^{to}
tenteando as qualidades
julgou q^e de frialdades
a balea morreria,
e eu também no q^e edia?
vi erão ventosidades.

7.

Por tres paos estava injado / insado?

sendo bem criminalm^{te}
o pobre do padecente,
despois de morto enforcado,
mas tudo bem empregado
naquelle corpo se via
e mais penas merecia
este de culpas aborto
porq^e athe despois de mor^{to}
matava no q^e fedia.

8.

Do pezo não digo nada
do monstro pouco me assusta

Q^e eu já sei o q^e custa
qualquer fantasma pezada
de estar Lisboa pasmada
e com a barriga chea
Sô de ver huã Balea
me rio eu porq^e via

mil desfeitas na Bahia
à luz de qualquer candeia

9.

O peixe foi real pessa,
pore[m] m^{to} mais o alinha,
que[m] adivinhou q^e tinha
huã pedra na cabeça
e se hã home q^e conheça
por discurso material
o casco deste animal
entenderei realmente
Q^e isto q^e vio no seu Ente
he a pedra filozofal.

10.

Em funções me tenho achado
de gente miuda, e grossa,
E não vi tanta velha mozza,
nem tanto mosso barbado,
nem vi cazo mais falado
desde q^e na corte assisto
emfim acabo com isto
dizendo, q^e por primeiro
foi este bixo estrangeiro
em Lisboa o mais bem visto.”²²

Resumo:

A notícia do aparecimento de uma baleia junto à Ribeira de Lisboa, impeliu o frade Maria de Santa Maria a registar nos seus papéis um poema sobre o acontecimento. Relatava como todo o Portugal queria “ver a bixa real”, que denominou de “Dona Baleia da Costa”. O extraordinário animal cumpria o gosto do povo por novidades.

²² *Ibidem*, 207-208.

Sobre a obra:

Miscelânea de vários documentos manuscritos encadernado, incluindo sonetos, versos e sátiras (<http://web.bg.uc.pt/cman/show.asp?i=512>)

Testamento em verso de uma baleia ao baleote

Saibão quantos estes virem,
e a dos os que prezenemente assistirem
que estando em meu perfeito entendimento
nesta forma ordenei meu testamento:
e para hir às partes mais remotas
mando seja lançado nos Mattos.
o meu corpo seja embalcemado
pelo que fosse não estando ocupado;
e a gente de Cassilhas em fileyra
levará o meu corpo à Ribeyra;
em onde, que se dei a esa gente;
sorveja, laranjas, vinho e Agoa ardente
porque fás mais nobreza,
levar o meu [rasurado] enterro à Ingleza;
e sendo desta sorte
fareis consolação por minha morte.
Mando e sigão no cais alguns rapazes,
e os olandezes, que forem mais capazes,
e tanto, que fizerem abertura
se consulte a dar-me sepultura,
que conforme a ocazião
não poderei fugir do Battelão;
e será a ves primeyra,
que servia deexope [rasurado] Caldeira
Nomeio por meu testamenteiro

à Pedro da Costa por primeiro,
e em 2.º o Lamtáx mayor de todo o mundo,
que se avista não mente
hum chamado Padre Francisco Vicente,
e pelo seu trabalho
mando se lhes dé hum bom façalho
quando peito devir;
que huma posta de lombo ha de ter,
porque como anda abroteá,
bem pode comer postas de Balea. [116]

E sem muita fadiga
com ella criará mayor Barriga.
Esta que crio-se de embalsemar mando por isso
Lhe dem sinco postas do Toucinho;
que pela rezão de Pexe
melhor fora deixar-me de escabeche.
A corvina se dará pela a asistencia
o que mais justo for em conciencia,
advertindo,
que em tudo quanto dice, foi mentindo;
porque sendo o meu achaque de securá
na falta de agoa, e marão toda a cura
os mestres e contra mestres da Ribeira
lavarão trinta portas da traneyra,
ao do Batellão do dezemúlho
lhes darão a repartir o meu Bandúlho;
levando o seu Patrão
tripas, figados, Bofes, e coração
do será sinco postas de Toucinho
à Joseph Barboza a theyvinho,
porque ainda, que hé dos Armazéns,
lhe deixo por amigo os meos
E o [rasurado] capitão do Navio olandes
lhe daem duas postas áthe tres,
que he força me mostra agradecido

à quantos me precororer por conhecido
e homem tão honrado
sempre havia ser de mim lembrado
aos guardiois lhes deixo por legado
sette postas tiradas do Caxáço;
e aos Algaravios tão bem deixo
seis postas dos guelos junto aos queixos;
a todo marebutto²³, que aqui vejo
lhe dem duas postas das do meyo,
e de varias postas semelhantes
se fação repartir aos cabrestantes²⁴;
ao fiada, que em vida me ermava
se dê a d. António de Monrrava; [116 v.]
Para que levando varios fins
fiquem todos meos a seos bem seguros;
falta a que quis dar o complemento;
o meu Rato, que na cabria está ao vento
ao Patrão mór o quero já deixar,
quero que elle, e o sorta e vá beijar.
Ficarão todos estes meos legados
a vontade dos Testadores nomiádos,
e se fará presente na cidade
ser esta a ultima vontade;
e tenho acatádo o Testamento
pedindo se lhe dee complemento;
e mando, que se guarde
inda que seja nunca, mal, e tarde. Etc.

Finiz [117]

²³ Marabuto – marinheiro.

²⁴ Os indivíduos que levantavam a âncora e outros pesos.

Resumo:

O poema “Testamento em verso de uma baleia ao baleote” não tem data, mas a letra aparenta ser do século XVIII. Os versos parecem inspirados em factos reais, possivelmente no arrojamento de 1723, em Cacilhas.

A personagem baleia expressava o desejo de ser embalsamada, provavelmente este seria o fim que o autor do poema gostava que uma baleia real tivesse conhecido, uma vez que a sua magnificência e estranheza impressionavam os curiosos e amantes do conhecimento.

No testamento, a baleia determinava que o seu corpo devia ser acompanhado pelo povo de Cacilhas até à Ribeira das Naus, na outra margem do Tejo. Esta é mais uma evocação poética do que aconteceria no arrojamento de uma baleia. A captura do animal e o seu transporte criava um alvoroço entre as gentes e é fácil imaginar os curiosos a saltarem para barcas e batéis de modo a assistirem de perto às manobras de resgate.

Na Ribeira, os acompanhantes das cerimónias fúnebres seriam presenteados com “cerveja, laranjas, vinho e aguardente”, evocando-se o possível ambiente de festa que o arrojamento causaria. O enterro da baleia mimetizava em muitos aspectos o humano, devendo ser “à inglesa”, porque “fazia mais nobreza”. Para demonstrar a importância do morto, era essencial a existência de um cortejo, como tal, a baleia ordenava que seguissem “no cais alguns rapazes, e os holandeses, que forem mais capazes”. À semelhança dos testamentos reais, o testamento fictício da baleia também nomeava testamenteiros.

Mais à frente no poema, surge a confissão “de que tudo o que se disse, foi mentindo”, passando a relatar-se o que de facto sucedia a uma baleia arrojada. O animal morto era esquartejado e a sua carne repartida. O poema refere as partes aproveitadas: as tripas, os bofes, o coração, o toucinho, o cachaço, as goelas e as postas do largo lombo.

A existência de poemas sobre baleias e os seus arrojamentos demonstram como que estes animais não interessavam apenas aos eruditos, mas tinham impacto no indivíduo comum. A sua raridade gerava a curiosidade popular, a circulação de panfletos, de notícias e era mote para a criatividade dos poetas, nomeadamente na criação de sátiras.

Ao Reverendissimo Padre Fr. Vicente por não haver dado cumprimento ao Testamento da Balea

Amigo Fr. Vicente
tão humilde, como irreverente
vos peso vades ouvindo com cuidado
os Conçelhos que vos dá este criado
asim que começando
desta sorte pertendo hirvos falando
Mas há sim, que me esquecia
fazer aquillo, que primeiro devia,
mil parabenz vos dou, de terez sido

Eu dos Testamenteiros escolhido
desse nadante monstro bravo e forte
que as Areas do Tejo, derão a morte
Maz a quem senão a voz, tal era dado
poiz com elle, lá soiz asemilhado
nessa vossa figura, tão tremenda
que outra senão vio, ainda mais horrenda;
e pois tenho feito o comprimento
ao mais que voz digo, estai atento
não voz chameis à malta
não queirais parecer homem de falta
e porque não queira
ter Diogo da Costa da Silveira
parte no Testamento
e se deve cuidar no comprimento
Eide dando a cada hum, o que lhe toca;
que desconfiando vão, de não ver soca
não queiraz que se diga
que quereis, meter tudo, na Barriga
olhay, que já todos mormurando;
mil couzas por ahi andão falando
e sea cazo faltaiz, aos Moruginhos
tendez por Çerto, lewares nos focinhos [fl. 118]

E creyo que fará boa toada
Nas bochexas fataiz; qualquer pancada
Aay ordem, a pór tudo corrente
tratai de andarez, com isto diligente
mas eu creyo que vóz, que a comestez
e que do Testamento voz esqueçestez;
ainda assim, he cazo mostruozo
que se virde tal voz, por ser golozo
maz que senão cuidará, de hum pobre Frade
que anda aqui a Ballea, na cidade;
Vóz he que tendez a culpa, a Berimbao;
e o confisteira tão bem, da Cruz de Pao

O ha meu Fr. Vicente
tratais de vos mostrares, mais purdente;
E já que soiz Testamenteiro
mostrai, nisso ser homem Verdadeiro
não queiraiz, que deshumano
hum çitote vos pregue, algum magano
nem tão pouco se perca, a autoridade;
e o respeito, a qualquer frade;
sendo que o vosso respeito está perdido
poiz faltastes aquillo, que he divido
não tenhais a mal, o que voz digo;
porque tudo são conçelhos de hum amigo
que tem Lastima, desuviar andar dizendo
que o que ficou aos maiz, hides voz comendo
tratais pois de dares cumprimento;
ao que declarado, está no Testamento
para que quem mormura, ande callado
e voz fiqueis em parte, authorized [fl. 118 v.]
e a Deos que menon, muito alargando
e podereis tão bem, hir enfadando
desta vossa casa, 3^a franciscana
o filho de vossa comadre confeiteira. [fl. 119]

Resumo:

O poema “Ao Reverendíssimo Padre Fr. Vicente por não haver dado cumprimento ao Testamento da Balea” é uma sátira para expor o mau comportamento de um testamenteiro.

A escolha do “nadante monstro, bravo e forte” que veio morrer nas areias do Tejo, como mote para a sátira, deve-se à possível observação ocular de um arrojamento ou simplesmente à fama que estes fenómenos granjeavam. Serviu também o propósito de ridicularizar o testamenteiro, uma vez que era comparado a uma baleia: “pois com ele [o monstro marinho], lá sóis assemelhado/nessa vossa figura, tão tremenda/ que outra senão viu, ainda mais horrenda.”

O testamenteiro era acusado de não cumprir correctamente a sua função, querendo apropriar-se indevidamente dos bens testamentados – “que quereis, meter tudo, na Barriga”. No poema havia mesmo uma ameaça implícita “tendes por certo, levares nos focinhos”.

A escolha da baleia como animal monstruoso servia como alegoria do acto criminoso: “mas eu creio que vós, que a comestes/ e que do Testamento vos esquecesteis; ainda assim, é caso monstruoso”.

Deve notar-se que o uso dos animais, em especial dos animais marinhos, por parte de pensadores e poetas, como forma de criação de lições morais alegóricas era recorrente, sendo disso exemplo os três poemas comentados. Esta tradição, que vinha desde os tempos Clássicos, pelo menos desde Esopo, passando por Eliano.

Gaspar Correia, *Crónicas de D. Manuel e de D. João III*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1992, fl. CCCLXXij, pp. 300-301.

Sobre a obra e o autor:

Gaspar Correia (1495-1565) pertenceu à Câmara Real. Em 1512, partiu para a Índia onde serviu como escrivão de Afonso de Albuquerque. Desempenhou vários outros cargos até à sua morte, em 1565. Entre 1532 e 1534, escreveu as *Chronicas dos Reys de Portugal*, contendo os sumários das vidas dos reis D. Afonso Henrique a D. João III, assim como os principais eventos do Reino. Nesta obra mencionou alguns acontecimentos sobre a presença dos portugueses no Oriente, nomeando as armadas que para aí partiram até 1533. Contudo, a obra mais conhecida de Gaspar Correia é as *Lendas da Índia*, onde faz a história dos portugueses naquele espaço, desde a chegada de Vasco da Gama até 1550.

“Neste sobredyto ano a xxbj de Janeiro [1531] em qymta feita antre as quatro e as cymco ora da manhã tremeo a terra em gerall no mesmo ystante em todo Purtugal e Castela e Framdes e Roma e França e foy tremer com tanto abalo que quer la cayram muitas vylas e cydades e em Lysboa derrybou mujtas casas e outras abryram e mujtos musteiros e a igreyja de Belem e torre do mar ysto em todas quer novas quer velhas e por mjlagre as mais velhas e podres nom fyzeram synall a Castanheyra, Vyla Framca, Azambuja, Alamquer e Torres Vedras e aldeas e casaes ouue casy tudo per terra em que morreram mujtas pessoas e em Framdes com este tremor veo hum tempo do mar que alagou mujtas vylas e lugares agoa cobryo a terra em mujtos lugares em tamta maneyra que casy pareceo dyluuio em que foy gramde mortumdade de gemtes o ryo Tybre em Roma tambem naquele ystante do tremor da terra sahyo fora de madre e alagou meo Roma e matou mujta gente por ser mujto em supyto e de Janeyro ate fym de Março sempre tremei mujto e pougo de dya e de npyte x e doze vezes foy o medo tamanho em elRey que estaua no Lauradyo que se sahyo so com a Rainha pola mao e estaua nos pynhaes nom ousando estar dentro em nenhuma casa onde amdou com seus yrmaos corenta dyas no dya deste tremor freueo huma fonte nAzambuja ate se secar e deytar fumo demxofre e ao outro dya tornou a ter agua crara como sahya o ryo dAlamquer demtro em sy teue terramoto e rumor que se ouuja muj lomge em Lysboa se sequaram todolas fomtes e o cafarys delRey e dos caualos e Alfama que nom deytaram agoa ate o meo dya omde tomaram a seu curso mas veo agoa ate o meo dya omde tornaram os synos de mujtas ygreyjas a tamgeram o que dyuia de ser com o gramde abalo do tremor que fez a terra de Belem ate Aveyro de lomgo da costa vyeram mortas XXX e tamtas baleas em Cezymbra sahyo no mar hum pexe que veo ensegar na terra que tynha xx iij azas com que vyndo polo har veo a terra e de sua feyção outro tal nunqua foy vysto o qual quamto a huma azemola podya por facanha o leuaram a elRey.” Gaspar Correia, *Crónicas de D. Manuel e de D. João III*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1992, fl. CCCLXXij, pp. 300-301.

Resumo:

A 26 de Janeiro de 1531, um grande terramoto fez-se sentir em Portugal, Castela, Flandres, Roma e França. O cronista afirmou que vieram dar à costa portuguesa trinta e tal baleias mortas. Em Sesimbra, veio morrer um peixe, que veio pelo ar a terra, que tinha 33 asas e cujo aspecto era desconhecido de todos. Por esta razão foi levado à presença de D. João III.

“Wunderzeichenbuch”, “Book of Miracles”, (fol. 119 r.), Augsburg, 1550

Sobre a obra:

O “Livro dos Milagres” é um manuscrito iluminado, elaborado em Augsburg, na Alemanha, no século XVI. A identidade dos seus criadores, assim como da pessoa ou pessoas que o produziram permanece por esclarecer. O manuscrito foi provavelmente produzido entre 1545 e 1552. As imagens encontram-se acompanhadas por citações bíblicas, ou por comentários aos fenómenos retratados, anotando-se ainda o local e a data dos eventos.

“In the year 1531, on the twenty-sixth and the twenty-eight of January, bloody and fiery signs were seen at night in the sky of Lisbon in Portugal on the twenty-sixth day and then on the twenty-eight a great whale was seen in the sky. This was followed by great earthquakes, so that about two hundred houses collapsed and more than a thousand people were killed.”²⁵

²⁵ Till-Holger Borchert & Joshua P. Waterman (2017). *The Book of Miracles*, Cologne: Taschen.

Cartorio muito antigo. Era de 1392 fundação desta casa da Insoa, e mais couzas notáveis. Arquivo Distrital de Braga, PT/UM-ADB/MON/CNSI/000001 – F5, Cartório de Nossa Senhora da Ínsua de Caminha, Cartório antigo.

Sobre a obra:

O documento que se transliterou faz parte de uma miscelânea agrupada no cartório do Convento de Nossa Senhora de Ínsua. O convento encontra-se a sul da foz do rio Minho e foi fundado por franciscanos oriundos da Galiza. No seu cartório os frades reuniram róis de irmãos, inventários e registaram acontecimentos que consideraram dignos de memória. O fundo é especialmente rico para o estudo da História Ambiental²⁶.

[fl. 53, 85] Tormenta do mar

[Acrescento: Em a era] de 1582 8 dias antes do natal foram tamtas as tromentas e tempestades que fazia medo e pavor as gentes he muitos velhos da terra diziam aver trimta annos ou mais, não verem tal por que foy tamta que rodeou [rasurado] todo o muro covemto por duas partes posto que pella bondade do Senhor não caio mas foy tam grande a furia da tromenta que bateo na ospedaria e a travesou a calçada que vay pera ho calvario, he não deixou nesta Imssoa case area [acrescento quazi areia], mas toda em redor era penedia: foy tamta a augoa que das seras he momtes veo que trouxe tamta he tam grande numero de area que fez huma pomta do Cabedello fromteiro a barra de galiza tam grande que [acrescento: os vivos] he muito velhos de outro tal se não acordão por que corendo esta area ate de fromte da portaria desta casa ficou tam perto e baixo que passavão alguns homens a pee ho qual foy hum delles de moledo chamado a antonio gelho qual eu mandey pasar e pasou duas vezes e na entrada da augoa da bamda da Imssoa lhe dava pelo umbigo, obra de hum 10 go de b arey de huma besta he dali por diamte por me [sic] e contado a pessoa não avia quem ho crese por parecer cousa impossivel he [acrescento: com muita] rezão, he no mesmo tempo veo dar ha costa da bamda de baixo da camboa²⁷ huma ballea muy grande ha qual parecia ter sesemta palmos de comprimento ou mais por que nesta casa ficou hum oso que dizião ser de huma queyxada que tinha 22 palmos de comprido ha qual balea veo na prea mar da noute e se foy na prea mar do dia por que tam grande he [fl. 53 v., 86] ha marosia por que queremdo-a mediar nos não deu logar a qual quando aquy deu ha costa ja não trazia cabeça domde parecia aver dias que era morta so oso da queixada que [acrescento: aqui] ficou parece vir pegada ao peixe ha qual se foy pella bamda da Cavam direita e foy sair de fronte de huma Irmida chamada sanctos iuos [sic] ha qual esta pouco menos de mea legoa quando vão pera vianna avista desta casa de nossa senhora, quam toda a passagem a pee da Imssoa pera halem pera terra firme foy a primeira vez a 25 de março em dia de nossa senhora de 83. He [acrescento: outras] vezes depois da pasgoa seginte e leixo esta memoria por mym feita semdo acontecido semdo eu frei Antonio [sic] de Cristo guardião desta Casa de nossa senhora da Imssoa e presidente frey

²⁶ Sara Pinto & Luís Sousa Silva (2016). «Entre as furiosas ondas do profundo mar oceano» - A percepção do estado do tempo e outros fenómenos na comunidade franciscana da foz do Rio Minho (séc. XVI XVIII). *Cultura, Espaço e Memória*, n. 7, 15-27.

²⁷ Covão à beira-mar para nele entrar o peixe durante a preia-mar.

Balthesar de [sic] não nomeo os mais Irmãos por atalhar a prolixidade ha quem isto quiser ler.

Resumo:

A 17 de Dezembro de 1582 os frades do convento de Nossa Senhora da Ínsua presenciaram uma violenta tempestade que os mais antigos diziam não assistirem há mais de 30 anos. A tormenta não deixou na Ínsua quase areia nenhuma, tornando-se visíveis as rochas. Pelo contrário, nas margens do rio Minho, correu abundantemente água das serras e dos montes, trazendo consigo tanta areia, que se criou uma ponte no cabedelo que ficava fronteiro à barra da Galiza. Também a área ao redor do convento foi profundamente afectada, passando a ser possível chegar a pé à Ínsua a partir de Moledo.

Na mesma data, veio dar à costa uma grande baleia, que deveria ter 60 palmos de comprimento. No convento guardou-se uma parte da cabeça, “uma queixada” (possivelmente uma mandíbula), que media 22 palmos. Quando deu à costa o animal já se encontrava morto. O facto de os frades terem guardado parte dos ossos do grande cetáceo demonstra o interesse que estes suscitavam, quer por serem raros na costa portuguesa, quer pela sua imponência.

Sobre a obra:

A *Gazeta de Lisboa Occidental* foi o primeiro periódico oficial português, tendo publicado notícias entre Agosto de 1715 e Janeiro de 1760, tornando-se assim o periódico que durou mais tempo em Portugal. A *Gazeta* imprimia notícias políticas, literárias, científicas, artísticas e religiosas.

14 de Janeiro 1723

“Segunda feira trouxeraõ com grande trabalho para a praya da Ribeira das naos hum peixe, que tinha entrado neste rio, cuja espécie se desconhece, entendendo humas pessoas que he balea, otros que he sombreiro, tem 83 ou 85 palmos de comprimento, 14 de altura, e 19 de boca.”

21 de Janeiro 1723

“O grande Peixe, que entrou neste porto a semana passada, se não tem certo conhecimento da sua especie. Alguns entendem ser huma Bufalina, a que os Francezes dão o nome de Soufler, id est, Assoprador, outros que seja certa especie de Balea, a que os Hollandezes chamão Kapeku; mas como a sua figura he diferente da Balea, e de qualquer outro peixe conhecido, se expoem aqui em estampa aos curiosos com as medidas de todos os seus membros, e huma breve descripção da sua estrutura com mais certeza, que a semana passada.

Tinha este Peyxe 87 palmos de comprimento, e na sua mayor grossura 43 de circunferencia, que por ser perfeitamente redondo, teria de alto 14 e hum terço. Na parte onde acaba a barbatana do espinhaço tinha 14 de circunferencia. Desde allí hia diminuindo com figura chata até grossura de 2 palmos e meio somente, e na parte mais delgada começava o rabo, deitado, e não ao alto como ou outros peixes com 4 palmos de comprido, e 7 em circunferencia, acabando em duas pontas como os das Andorinhas com extensão de 18 palmos. A cabeça era de notavel grandeza. O rasgado da boca tinha 15 palmos, e toda a circunferencia della 60. Seis homens metidos em pé dentro da sua concavidade parecia occuparem huma pequena parte della; o queixo de sima acabava como unha de ancora, e era guarnecido em lugar de dentes de 644 barbas, que principiavão com meyo palmo, e acabavão em dous e meyo junto ao canto da boca. As de diante ocupavam 5 palmos de cada lado, e erão brancas em numero de 294. As que ocupavam os dez palmos até à junta dos queixos, erão 350 e tiravão a cor de chumbo, como a dos mesmo Peyxe. A parte superior da concavidade de boca tinha huma especie de sedas como de [?], quase brancas, com hum terço de palmo de comprimento, e no meyo huma forma de quilha, que continuava da ponta da boca até a guela, branca, e liza, com meyo palmo de largo, e outro tanto de grosso, mas adelgaçando no meyo acabava

com dous palmos de largura. A parte de baixo era liza, e da cor do mesmo Peixe. No alto da cabeça tinha duas ventas, ou buracos por onde respirava de dous palmos de meyo de comprido. Cada hum dos olhos tinha hum palmo de diametro, e contavão-se 13 entre hum, e outro. Sobre o lombo tinha huma barbatana de palmo e meyo de alto, com dous e trees quartos de comprido, e desta até o rabo havia 17 e meyo de distancia. Tinha nas ilhargas duas azas de 11 palmos de extensão cada huma, as quaes distavão 9 e meyo do canto da boca. Desde os queixos pela parte da barriga tinha, 53 listas brancas, e entre estas outras tantas meyas canas de cor de chumbo, com que fazião 66 as quaes acabavam todas em forma pyramidal no embigo, que se distinguia com huma concavidade de meyo palmo, e havia sete e meyo até a via da propagação, a qual mostrava ser femea, e tinha dous palmos e meyo de comprido, e de cada parte huma maneira, [?] de palmo com seu bico no meyo. A via do excremento tinha hum palmo. A guela hum quarto de palmo de diametro, e desta para a boca lhe cahião sobre o queyxo de bayxo humas peles como redenhos de perto de dous palmos e meyo brancas, encarnadas, e vermelhas, ou tirances da roxo. A pelle era delgada, e tão mimosa, que com pouca força, que se lhe applicava, a desfazião.

Dizem que havendo entrado neste rio discorrera por ele até ao sitio da Madre de Deos, donde voltára para a visinhança de Cassilhas, e que se chegaara tanto a terra, que entalando-se entre huns grandes penedos, não pudera sahir delles, e vasando a maré, se achara em seco, e forão tão grandes os urros, que dava de se ver fóra da agua, que atemorizou os moradores daquelle destrito.”

Resumo:

A 21 de Janeiro de 1723, a *Gazeta de Lisboa Occidental* noticiava que, havia uma semana (a 14 de Janeiro de 1723), tinha entrado no Tejo um grande peixe. O redactor preocupou-se em fazer uma descrição pormenorizada do animal, com informação sobre o formato das várias partes que o constituíam, as suas dimensões e cores. Depois de ter entrado no Tejo, a baleia dirigiu-se até à região da Madre Deus e daí para Cacilhas, tendo-se aproximado tanto da terra, que ficou presa nuns penedos. Na maré baixa, o animal ficou fora de água e “forão tão grandes os urros [...] que atemorizou os moradores daquele destrito.” A notícia estava acompanhada por um desenho com medições.

“Noticia do peixe que apareceu na Praya da villa da Moita”

O Vandele²⁸ que veyo por de ordem de S. Magestade para tratar do jardim²⁹ comprou o dito Peixe que veyo para a Ribeira das Naos, cujo he chamado Ruade Bandeira, e tem custado perto de treze moedas em esfolhear, e limpa a pelle da gordura, embalsamado, e dada a figura como se for vivo, e o seu escalete limpo de toda a carne que tinha; a cabeça pezou seis aroubas menos dous arrates o qual se armou para mostrar a S. Magestade da primeira pelle se não servio por estar esfolada e servio a debaixo per ser hum couro grosso, e se fez da carne quatro Pipas de azeite; o membro tinha de cumprimento e o mesmo terço trez quartos de ? de diametro junto a barriga acabando delgado como o dedo minimo tinha o Peixe de cumprido trinta e hum palmo, menos dous dedos tinha duas ordens de dentes debaixo, e de cima mayores que os grande de cavallo; a cor era cinzenta com malhas brancas e tinha junto a cabeça duas azas grandes de tamanho de duas rodas de carro”.

Resumo:

O botânico Domingos Vandelli, encarregue dos trabalhos de criação do Jardim Botânico da Ajuda, comprou um grande peixe, que estava na Ribeira das Naus. Com esta aquisição Vandelli tinha como propósito enriquecer a colecção de história natural do jardim, matéria que fazia parte da educação dos príncipes.

Para esfolar o animal pagaram-se perto de treze moedas. Depois de limpa a pele da gordura, foi embalsamado e o esqueleto limpo de toda a carne. O animal foi armado para ser observado pelo rei D. José I. A primeira pele não pôde ser utilizada, mas a segunda teve préstimo por ser de bom couro. A carne do animal rendeu quatro pipas de azeite. O peixe tinha 31 palmos de comprimento e tinha duas formas de dentes, os debaixo mais pequenos e os de cima maiores, como os dos cavalos. O animal era cinzento, com manchas brancas, “e tinha junto à cabeça duas azas grandes de tamanho de duas rodas de carro”.

²⁸ Domingos Vandelli (Pádua, 1735- Lisboa, 1816). Naturalista italiano, que veio para Portugal, onde desenvolveu estudos sobre história natural e química. Dirigiu os primeiros trabalhos para a criação do Jardim Botânico da Ajuda, tendo sido seu director entre 1787 e 1788.

²⁹ Trata-se do Real Jardim Botânico da Ajuda, fundado em 1768. O jardim devia coleccionar, manter e estudar o maior número de espécies vegetais. Para além da botânica, devia instruir os príncipes nas ciências naturais.

“Memória de hum grande Peyxe que morreo em o Tejo”

Em 11 de Janeiro de 1724, trouxeram muitas fragas e escaleres³⁰ da Ribeira das Naos ao reboque para a mesma Ribeira hum grande Peyxe que tinha de comprimento outenta e sinco plamos e de altura quatorze, e de boca dezanove do qual disseram ser Balcato os Inglezes, e Olandezes o espostejavão³¹ para fazer azeyte. S. Magestade mandou organizar o cadáver e o mandou mostrar às Religiozas do Convento de Odivelas.”³²

Resumo:

Em 11 de Janeiro de 1724, pequenas embarcações ao serviço da Ribeira das Naus, trouxeram até à dita Ribeira um grande peixe, que tinha de comprimento 85 palmos e 14 de altura. A boca media 19 palmos. Os ingleses chamavam a este animal Balcato. Os holandeses retalhavam-nos para fazer azeite. D. João VI mandou organizar o cadáver para ser mostrado às religiosas do Convento de Odivelas. A escolha deste convento não terá sido aleatória, pois aqui residia Madre Paula de Odivelas, amante do Rei.

³⁰ Pequena embarcação.

³¹ Esquartejar, retalhar.

³² Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, MS/Pp DIV, cx. 12, n.º 767, fl. 62 v.

Padre Manuel Bernardes, *Nova floresta ou Sylva de varios apophthegmas e ditos sentenciosos, espirituaes e moraes com reflexoens, em que o util da doutrina se acompanha com o vario da erudição, assim divina, como humana*, Lisboa, Na officina de Joseph Antonio da Sylva, 1726-1728, vol. V, p. 245.

Sobre o autor e a obra:

Padre Manuel Bernardes (1644-1710) – foi educado pelos jesuítas, tendo estudado na Universidade de Coimbra Filosofia, Teologia e Direito Canônico. Tomou ordens sacras, tendo vivido 36 anos em clausura no convento do Espírito Santo, onde compôs várias obras de teologia e ascética-mística. É considerado, tal como o padre António Vieira, um dos expoentes da oratória sagrada. Entre o seu numeroso trabalho destacou-se a obra *Nova Floresta* (1706), composta por uma série de apólogos morais, ou seja, por ensinamentos sob a forma de fábula.

“Este rei era D. Manuel de felicissima memória, o qual não era de coração leve, nem de entendimento escuro, e ainda que seu vasto Imperio se estendia por tantos mares, não era como a baleia, que se governa pelo aceno da cauda de hum peixinho chamado musculo, o qual lhe deu por conductor a provida natureza, porque a gordura nimia lhe carrega e offusca os olhos. E assim sam os validos dos grandes Monarcas, só com a differença de que a baleia não faz mal ao seu musculo, e os validos rara vez se conservam com os seus monarcas.”

Resumo:

Para engrandecer as qualidades do rei D. Manuel I, o padre Manuel Bernardes recorreu à analogia com uma baleia, afirmando que tinham personalidades muito distintas. Ao contrário da baleia, o rei não se deixava conduzir pela cauda de um peixinho, nem tinha a visão toldada pela gordura que “carrega e ofusca” os da baleia. Tal fenómeno observava-se nos validos do rei, que, ao contrário do grande cetáceo, não se mantinham fiéis a quem os guiava, ou seja, aos monarcas.

Augusto Soares d’Azevedo Barbosa de Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno. Dicionario Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as cidades, vilas e freguesias de Portugal de grande numero de aldeias*, Lisboa, Livraria Editora de Matos Moreira & Companhia, 1874, vol. IV, p. 187.

Sobre o autor e a obra:

Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinto Leal (1816-1884) foi um militar português, que ficou conhecido pela sua monumental obra historiográfica *Portugal Antigo e Moderno* (1873-1890, 12 vols.). Trata-se de um dicionário, com o nome das cidades, vilas e freguesias de Portugal. Quando se justificava, descrevia os principais monumentos e efemérides, fazia menção a pessoas ou famílias ilustres, em alguns casos dando notícias genealógicas.

“Arsenal da Marinha [...]

Ha também n’esta sala vários modelos de embarcações de guerra, construídas n’este arsenal – uma estatua de madeira do rei D. João VI, e um grande quadro a oleo, representando uma baleia copia da que se entrou no Tejo, e deu à costa na praia de Cacilhas, em 11 de Janeiro de 1783”.

Resumo:

A 11 de Janeiro de 1783 deu à costa em Cacilhas uma baleia que entrou no Tejo. O acontecimento motivou a elaboração de um quadro a óleo, de grandes dimensões, que se encontrava exposto no Arsenal da Marinha, em Lisboa.

Agradecimentos

Este trabalho foi efetuado no âmbito da linha de História Ambiental e o Mar do CHAM – Centro de Humanidades da NOVA FCSH (Projeto Estratégico financiado pela FCT UIDB/04666/2020)) e da Cátedra UNESCO ‘O Património Cultural dos Oceanos’. Outros projetos associados a esta investigação são as iniciativas bilaterais ‘Marine Lexicon’ e H-WHALE (financiadas pelo Fundo Bilateral EEA Grants) e os projetos europeus CONCHA (EU-H2020-MSCA-RISE-2017 research and innovation programme under grant agreement N°777998) e 4-OCEANS: Human History of Marine Life (ERC Synergy - Grant Agreement N° 951649).

Agradecemos às nossas colegas Ana Catarina Garcia, Patrícia Carvalho e Joana Baço. Agradecemos ainda o empenho e dedicação do nosso colega Pedro Pinto pela disponibilização constante de fontes, assim como todo o interesse e partilha manifestada pelo colega Samuel Iglesias.

Referências e Sugestões de leitura

BRITO, Cristina (2019). The Voice of Skogula in ‘Beasts Royal’ and a Story of the Tagus Estuary (Lisbon, Portugal) as Seen through a Whale’s-Eye View. *Humanities*, 8 (1), 47: 1-16. <https://doi.org/10.3390/h8010047>

BRITO, Cristina & VIEIRA, Nina (2022). Uma construção cultural de ser baleia: A história ambiental de dois arrojamentos na Lisboa ribeirinha e das pessoas que os observaram e descreveram. *SCAENA – Revista do Museu de Lisboa – Teatro Romano. O rio como horizonte: o outro palco do teatro romano*, nº 3. Lisboa: EGEAC, EM / Museu de Lisboa – Teatro Romano.

BRITO, Cristina & COSTA, Lese (2016). Baleias em circulação: Uso de imagens na produção e transferência de conhecimentos de história natural marinha em Portugal do Século XVIII. *Arquivos de Zoologia*, 47 (2): 33-42. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-7793.v47i2p%25p>

BORCHERT, Till-Holger & WATERMAN, Joshua P. (2017). *The Book of Miracles*. Cologne: Taschen.

FREITAS, Joana Gaspar & BRITO, Cristina (2021). A Bixa Baleia. Ou a história de um manuscrito sobre o maravilhoso do mar. In Carlos F. Clamote Carreto e Luís Manuel Moreira Sousa (Eds.). *Imaginários do mar: uma antologia crítica*. Vol. II. IELT, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade NOVA de Lisboa: 203-209. <https://doi.org/10.34619/75ph-bdfe>.

HEROLD, Bernardo, HORST, Thomas & LEITÃO, Henrique (2017). “A ‘História Natural de Portugal’ de Leonhard Thurneysser zum Thurn, ca. 1555-1556”, *Ágora. Estudos Clássicos em Debate*, 19.

PINTO, Sara & SILVA, Luís Sousa (2016). «Entre as furiosas ondas do profundo mar oceano» - A perceção do estado do tempo e outros fenómenos na comunidade franciscana da foz do Rio Minho (séc. XVI XVIII). *Cultura, Espaço e Memória*, n. 7, 15-27.

MACHADO, Diogo Barbosa (1759). *Bibliotheca Lusitana: histórica, crítica, e cronológica*, t. IV. Lisboa: Oficina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.

SILVEIRA, Luís (1941). *Manuscritos de filologia latina da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora*. Évora: Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, Oficinas gráficas da Minerva Comercia.

Ligações em linha

Sea Citation Database: <http://cehresearch.org/SeaCite/seacite.php>

Marine Lexicon: https://wiki.uib.no/marinelexicon/index.php/Marine_Lexicon

Hemeroteca Nacional de Lisboa: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/>

Cátedra UNESCO ‘O Património Cultural dos Oceanos’:
<https://cham.fcsh.unl.pt/catedra/index.html>

Projeto Europeu CONCHA: <https://cham.fcsh.unl.pt/CONCHA/index.html>

ERC 4-OCEANS: Human History of Marine Life: <https://www.tcd.ie/tceh/4-oceans/>